

Entrevista

Entrevista com a Professora Maria de Fátima Ferrari do NOSS/INES

P: Poderia nos contar um pouco sobre como surgiu o Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo?

R: A criação do NOSS foi aprovada em dezembro de 2004 e consolidada por uma portaria interna em 2005, porém sua origem é bem antiga. Trata-se de um Projeto Pedagógico denominado “Oficina de Saúde”, criado e desenvolvido pela Prof^a Regina Célia N. de Almeida e por mim, prof^a Maria de Fatima Ferrari.

O referido projeto foi criado em 1994, para atender a demanda de nossos alunos adolescentes, com o objetivo de contribuir na construção e exercício de uma sexualidade responsável e saudável. Além disso, na década de 90, fomos abruptamente atingidos pela proliferação do HIV e a aids. Não havia informação acessível aos surdos veiculadas nas mídias ou em campanhas de órgãos públicos de saúde, logo a implementação deste projeto foi o início de uma longa caminhada dos profissionais surdos e ouvintes, unidos, e um grande marco para a “Educação em Saúde para surdos” no INES, pois os alunos surdos atuavam como “Agentes Multiplicadores de Informação em Saúde Sexual e Reprodutiva.”

Inicialmente este projeto tratava somente da temática da sexualidade e consistia em atividades de intervenção comportamental para os alunos do CAP-INES do Ensino Fundamental, 2º segmento. Eram realizados: atendimentos coletivos, às turmas, onde tratávamos de conteúdos sobre a 1ª vez, anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, gravidez, maternidade e paternidade precoce, métodos contraceptivos, ISTs-Infecções Sexualmente Transmissíveis e sexo seguro; atendimentos individuais que chamávamos de Sala de Conversa, onde o aluno nos trazia suas questões pessoais ou dúvidas e workshops, pequenas oficinas oferecidas aos alunos.

Os anos se passaram e nossas ações foram ampliadas a cada dia. Além das atividades descritas anteriormente, passamos a produzir material didático e publicações, a desenvolver estudos e pesquisas, capacitação de surdos como Agentes multiplicadores de informações sobre Saúde sexual e reprodutiva, assistência técnica aos profissionais da Saúde, parcerias para tornar o atendimento ambulatorial na rede pública acessível ao surdo e também parcerias com Universidades para capacitar surdos “no fazer Ciência” e capacitar graduandos da Educação e

da Saúde.

Os conteúdos e o público-alvo do projeto inicial também foram ampliados. Nas atividades de ensino para surdos desenvolvemos outros temas como bullying, racismo, violência doméstica, crimes de abuso sexual, cyberbullying, homofobia, ética, educação financeira, projeto de vida dentre outros. Passamos a atender todos os alunos do Colégio de Aplicação-INES, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, alunos surdos do Ensino superior, ex-alunos, surdos da comunidade e familiares de surdos.

Nossas ações tomaram uma magnitude que, em 2004/2005, houve a necessidade de se criar um Núcleo, o NOSS- Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo, isto é, um programa de Acessibilidade e Educação em Saúde para Surdos, onde são desenvolvidos vários projetos.

Isto foi possível, considerando-se a expertise produzida nos anos de desenvolvimento de nossas ações no INES e na participação da Prof^ª Regina Célia N. de Almeida, quando esta foi cedida à UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para criação e implementação do Projeto Sinais de Vida da UERJ, em 1996/7, tomando como base o Projeto “Oficina de Saúde” do INES.

Cabe ressaltar que o Surdo sempre esteve presente em nossas ações e participou ativamente como profissional da equipe, construindo e reconstruindo nossas atividades em todo o processo, de criação, produção, desenvolvimento e avaliação. Estes profissionais, inicialmente, eram alunos do Ensino Médio, e posteriormente, foram contratados como “Assistentes Educacionais Surdos” e desde 2013, como professores efetivos. A participação ativa dos profissionais surdos propiciou a confiabilidade da comunidade surda e a consolidação dos serviços prestados pelo NOSS.

P: E como foi sua entrada neste projeto tão desafiador?

R: Como sou professora de Ciências e Biologia, a temática da sexualidade e da saúde estão sempre presentes e os alunos se sentem seguros para exporem suas dúvidas e curiosidades. Também, penso que a maioria dos professores de Biologia, estão acostumados e preparados para tratar do tema, a sexualidade, com naturalidade, seriedade e sigilo. O aluno sente confiança e a nossa relação se fortalece a cada encontro.

Logo, posso afirmar que a minha participação neste programa, foi a demanda de nossos alunos adolescentes aliada ao meu amor e compromisso com a educação e a formação humana dos surdos e, claro, também, o meu encontro profissional com a querida companheira, a Prof^ª Regina Célia (aposentada em 2019),

que me instigava a criar e também a me incluir em suas criações tão desafiadoras.

P: Como é a procura dos estudantes do INES pelos atendimentos realizados pelo NOSS? O Núcleo também atende ao público externo?

R: Como estamos nessa trajetória desde 1994 e o NOSS foi criado em 2005, atuando diretamente com os alunos do Cap-INES, apresentando resultados positivos, nos tornamos referenciais para alunos e familiares. Neste sentido podemos considerar que nossas ações estão consolidadas na comunidade surda do INES.

No atendimento individual ou a pequenos grupos de alunos, do Ensino Fundamental e Médio, a procura é direta ou são encaminhados pelo professor, assistente social, psicólogo, chefias ou os próprios familiares nos pedem auxílio. Isto acontece com certa constância, porém atualmente temos pouco recursos humanos e horários restritos, mas dois a três casos por semana chegam ao Núcleo.

Às turmas do Cap-INES procuramos realizar dois a três atendimentos semanais por turma. Consideramos um baixo quantitativo para a demanda de nossos alunos, entretanto trabalhamos em conformidade com as atuais possibilidades. Nesse atendimento os alunos participam ativamente e com alegria, ficando evidente que apreciam a abordagem metodológica, os materiais didáticos, a dinâmica dos mediadores e os temas abordados. A emoção nos arrebatava e não podemos deixar de citar a gratidão e a satisfação de dever cumprido, ao nos depararmos com os alunos nos diferentes ambientes do INES e estes nos dirigem coraçõezinhos com as mãos e nos perguntam: “quando será o próximo atendimento do NOSS? Quero aula do NOSS.”

O NOSS também atende ao público externo. Aos surdos que não são alunos do INES ou ex-alunos oferecemos o atendimento individual. Também são realizadas aulas de **“Orientação à sexualidade”** a grupos de surdos de escolas inclusivas da rede pública, por meio de solicitação/ofício encaminhadas ao INES.

P: Como os familiares lidam com orientações em relação ao corpo e à sexualidade das crianças e dos jovens que estudam no INES? Na sua opinião existem muitos tabus?

R: Os familiares têm muita dificuldade para tratar e lidar com a temática da sexualidade. Muitos deles se assustam e acham que as aulas do NOSS podem servir como estímulo para os alunos despertarem para a sexualidade e iniciarem precocemente as suas relações sexuais, entretanto as atividades do NOSS são planejadas, respeitando-se a faixa etária e o desenvolvimento físico e psicológico de

nossos alunos.

Em geral os pais têm muitas dúvidas, conflitos, tabus e preconceitos, contudo aos poucos percebem o quanto o NOSS pode ser parceiro nesta caminhada e contribuir no fortalecimento da relação entre pais-filhos.

Como a sexualidade é construída e reconstruída desde o nascimento até o envelhecer e sofre influência de várias instituições, seja familiar, religiosa ou social, podemos compreender e considerar a construção da sexualidade e como estes pais vivenciaram sua adolescência, portanto lidar com esse tema, no contexto atual, com seus filhos ou netos, pode não ser uma tarefa nada fácil.

Para ilustrar vou relatar algumas demandas do NOSS: recebemos uma mãe que nos pede ajuda, pois a filha de 13 anos quer transar com o namorado de 14 anos. Outra mãe cuja filha de 10 anos deseja beijar na boca. Outra que se depara com o filho no momento da masturbação.

Todas nos falam com expressão de desconforto ou até pânico... e solicitam o auxílio do NOSS, pois não se sentem capazes de tratar sobre esses temas com seus filhos.

Então, o nosso papel é orientar esses pais. Como? Com acolhimento, levando-os a refletir sobre o que ele pensa e percebe sobre a situação ou tema; como ele pode responder ou lidar com essas questões de modo claro e objetivo. Vamos levantando questões ou acrescentando informações, para que os próprios pais encontrem respostas e soluções adequadas ao momento, sempre com foco em intervir no comportamento do filho, cujo objetivo é torná-lo benéfico, saudável e responsável. E aos poucos, após alguns atendimentos, esses pais se tornam mais confiantes e preparados para lidar com a temática da sexualidade com seus filhos.

P: E em relação às vacinas? Pesquisas mostram que o número de vacinados caiu muito nos últimos anos. Os surdos questionam sobre a eficácia da vacinação?

R: Geralmente o surdo adolescente e adulto não procura os centros municipais de saúde para prevenção ou tratamento, porque existe a barreira da comunicação. No entanto, quanto às vacinas, percebemos que durante as campanhas eles tem o hábito de comparecer aos centros de saúde, para que sejam vacinados, pois são informados e estimulados pelos profissionais do INES e muitas vezes a Divisão médica do INES, promove a vacinação por meio de parcerias. Neste caso, os profissionais de saúde comparecem ao INES para realizarem a vacinação em todo o corpo de alunos e servidores.

Os alunos não costumam questionar a eficácia da vacinação, porque geral-

mente os professores e técnicos trabalham o tema. Com a informação acessível eles compreendem a importância da vacinação, para evitar a aquisição da doença ou danos maiores com a doença.

P: Pode nos contar sobre alguma situação de superação de tabus através das atividades do NOSS?

R: Já tivemos muitos resultados positivos, mas vou citar alguns casos:

- a. Um profissional surdo que tinha dificuldades de trabalhar com um grupo de alunos gays, pois durante sua trajetória foi muito assediado. Após ser capacitado e estimulado atuou com este grupo e se tornou um excelente mediador nas oficinas.
- b. Um aluno adolescente, que desde o ensino fundamental 1º segmento tinha aulas com o NOSS e vinha se preparando para a sua primeira relação sexual. Posteriormente, já no ensino fundamental 2, dirigiu-se ao NOSS, muito orgulhoso, para dizer que usou camisinha já na sua 1ª relação.
- c. Uma servidora surda, adulta, que foi operada de urgência, por causa de uma apendicite, no entanto ela não sabia o que tinha acontecido, apesar de ter vivenciado, passo -a- passo, todo um procedimento cirúrgico. Ela foi ao NOSS, porque queria compreender o ocorrido. Neste caso foi necessário coletar informações com os familiares, para que a surda fosse esclarecida. Aproveitamos a oportunidade para orientar aos familiares, refletindo e encontrando procedimentos mais adequados em situações semelhantes.
- d. O alívio de um pai após orientação e acompanhamento pelo NOSS, quando ocorreu um episódio com o filho de 7 anos sobre curiosidade genital. Era aluno do 1º ano do Ensino Fundamental.
- e. Uma menina com 11 anos do Ensino Fundamental 1, que sofria bullying e não queria mais frequentar a escola. Trabalhamos o tema em todas as turmas do Cap- INES e a menina e a mãe também foram atendidas pelo NOSS periodicamente.

Após uns três meses de atendimento diário, por whatsapp e semanal presencial, a menina, com o apoio de vários profissionais do INES, retomou os estudos e a autoestima, se tornando uma adolescente vaidosa e empoderada.

Cabe ressaltar que esses resultados positivos são fruto de ações colaborativas, envolvendo vários profissionais de diversos setores, tais como o NOSS, a Divisão Sócio-psico-pedagógica-DISOP, a Divisão Médico-odontológica- DIMO, os Técnicos educacionais, os assistentes de alunos, professores da turma, todos

unidos e com abordagens específicas atuando em benefício do aluno.

P: Atualmente quais são os principais desafios do NOSS em relação à Educação de Surdos?

R: Temos vários desafios, contudo em relação à educação de surdos o nosso maior desafio é a “Orientação à sexualidade para surdos com Múltiplas deficiências”, é um campo a ser explorado e compreendido, respeitando-se as individualidades. Em 2023 iniciamos estudos para criação e implementação de um novo projeto, entretanto apesar do NOSS ter um trabalho reconhecido institucionalmente, nem sempre contamos com o apoio de nossos gestores.

Logo o nosso maior desafio também é: “há cada quatro anos convencer os nossos gestores a conhecerem o trabalho do NOSS, acreditarem nos resultados e apoiarem as nossas ações.

P: Qual seria sua sugestão para que nossos leitores possam contribuir com a saúde do sujeito surdo?

R: Ao pensarmos em educadores e profissionais de saúde, entendemos que o professor vai instrumentalizar o surdo com conhecimentos que propiciem o autocuidado e a autopreservação da saúde. Ele trabalha com a prevenção da doença. Já os profissionais de saúde, para além da prevenção de doenças, eles trabalham com o tratamento e a cura, portanto, tanto um quanto o outro, para o atendimento adequado ao surdo, é fundamental o uso da Língua de sinais, para haver a comunicação e consequentemente a acessibilidade à informação, à prevenção e ao tratamento.

Além disso é prudente o apoio de materiais visuais, concretos e ilustrações, pois auxiliam nas explicações das informações, orientações e prescrições médicas.

Outro fator importante e bastante positivo é o surdo ser atendido por uma pessoa paciente, receptiva e afetiva, que se posicione sempre de frente para o surdo, para que este possa ver sua oralização, suas expressões faciais e gestos naturais.

Quanto ao espaço físico, é necessário: uma boa iluminação, sinalização (ícones, escrita) com placas, visor com senhas eletrônicas, enfim um ambiente planejado e pessoas capacitadas para a recepção e o atendimento ao surdo.

Para finalizar, cabe ressaltar que, para qualquer pessoa que deseja contribuir com a saúde do surdo, primeiramente ela necessita se capacitar e adquirir conhecimentos sobre a pessoa surda, suas peculiaridades e como lidar e interagir com cada sujeito surdo, de acordo com a sua forma de comunicação, pois alguns

surdos se comunicam com gestos naturais, outros com Língua de sinais, outros em Língua portuguesa oral ou escrita e outros não conseguem estabelecer uma comunicação. Os surdos nem sempre vão estar acompanhados com intérprete de LIBRAS-LP ou familiares.

Também é necessário aprender a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS para tornar o atendimento ambulatorial ou outro tipo de atendimento, mais acessível e efetivo para os surdos que usam LIBRAS. Estes são a maioria dos surdos.

Para finalizar queremos agradecer o convite da Diretora do DDHCT- Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico do INES, a Prof^a Daniele, para falar sobre o NOSS, nesta breve entrevista.

Aproveitamos para agradecer aos atores, alunos, companheiros e profissionais, ouvintes e surdos, que compartilharam e compartilham da história do NOSS e construíram a sua trajetória profissional, em algum momento, neste núcleo.

Por fim uma eterna e carinhosa gratidão àquelas que atualmente estão nessa caminhada, as Prof^{as} Vanessa Miro Pinheiro e Nívea Oliveira Calixto e a Fg^a Marcelle Martinez.

Professora Maria de Fátima Ferrari

